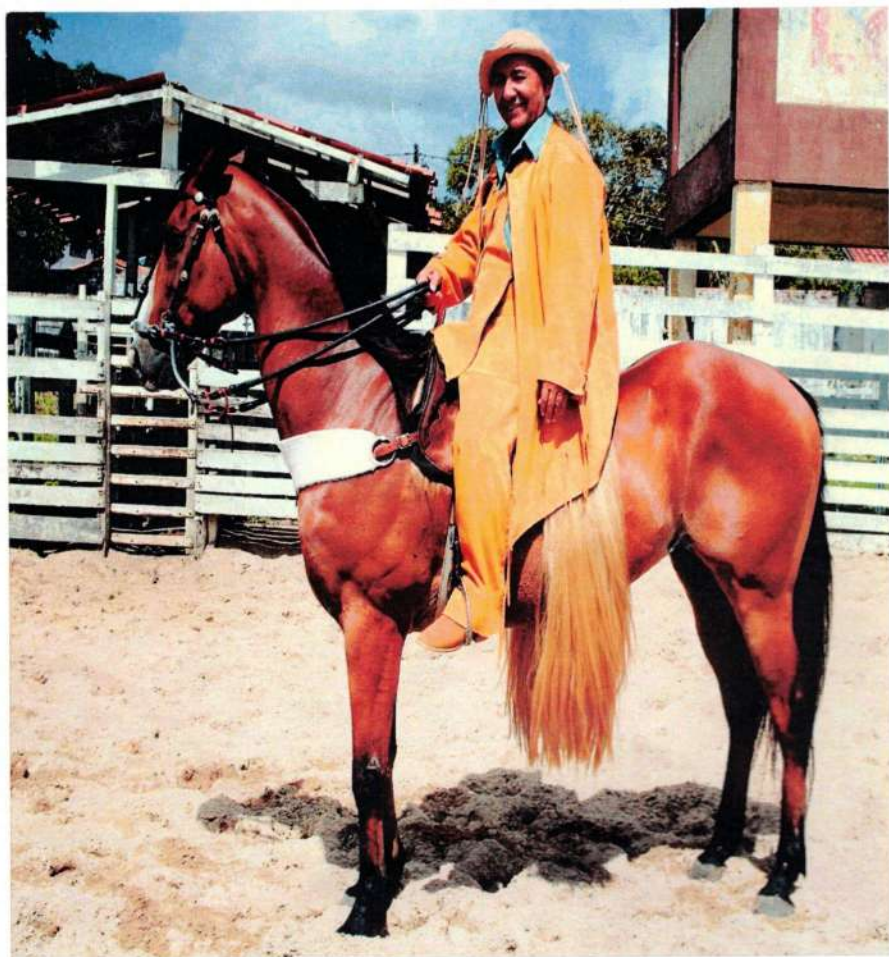


POEMAS & TOADAS



Chico Neto Vaqueiro



AGRADECIMENTO AOS MEUS PAIS

Eu me lembro do caminho
Que eu ia para a escola,
Meu transporte era um jumento,
Gravei isso na cachola.
O campinho onde a tarde
Eu corria atrás de bola.

Eu lembro que pra mamãe
Não tinha serviço ruim,
Na sua luta diária
Cuidava sempre de mim,
Me dava muitos conselhos
Pra não ser como Caim.

Agradeço a minha mãe
Que lutou pra me educar.
Quero lhe pedir desculpas
As vezes que a fiz chorar,
Mamãe não se preocupe
Nunca vou lhe abandonar

Papai foi mais exigente
A palavra era uma só,
Trabalhou para me criar
Na terra seca, no pó
Se eu fizesse coisa errada
Apanhava de cipó.



ALERTA DA TERRA

Quer conhecer esta história
Que pra o ser humano eu fiz?
É um alerta da Terra
Dizendo não estar feliz.
Por favor, preste atenção
Escute o que a Terra diz.

O Deus que me criou disse
Pro homem me cultivar
E deixou toda semente
Para ele semear.
Tudo que ele produzisse
Era pra se alimentar.

Mas a palavra de Deus
Não quer ele obedecer,
Além de pisar em mim
Inda faz me enfraquecer,
Minha fauna e minha flora
Já vão desaparecer.

Eu estou em desespero
Em cada um continente,
Com a ambição do homem
Se fazendo de inocente,
E por não cuidar de mim
Me deixa fraca e doente.

Estão matando minha flora
Derrubando e até queimando
Cortando as suas raízes
Que vivem me sustentando
O homem fazendo isso
Me deixa desmoronando.

Sou tão boa, dou de tudo
Alimento pra comer.
Nas minhas veias tem água
Para o vivente beber,
Ofereço minhas plantas
Para o remédio fazer.

Abra o olho ser humano
Para pode enxergar,
Veja essa realidade
Comece a se preocupar
Com o meu desequilíbrio
Tudo vai se acabar.



SONHEI COM PAPAÍ

Ontem à noite tive um sonho
Tô feliz como ninguém,
Era papai me dizendo:
Cada filho eu quero bem.
Que falasse pra mamãe
Que ele a ama também.

O destino quis assim
De vocês me separou,
Desde quando eu fui gerado
Jesus no livro anotou:
Foi chegado dia e hora
Por isso ele me chamou.

Tenho saudade de todos
Que aí na terra deixei
De vocês, dos meus netinhos,
Dos amigos que brinquei,
Dos animais da fazenda
Que com muito amor cuidei.

Eu aqui estou em paz
Do meu lado tem vaqueiro
Que em pista de vaquejada,
Ou dentro do marmeleiro
Souberam honrar o nome
Do Nordeste brasileiro.

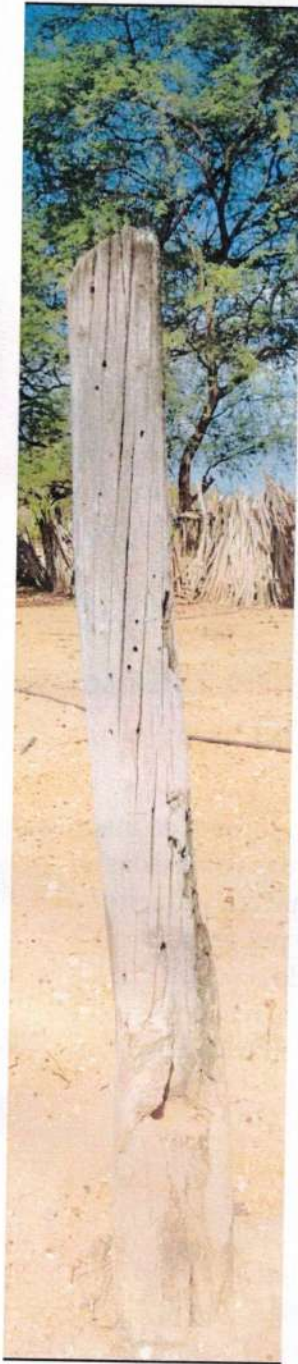


A HISTÓRIA DE UM VAQUEIRO

Trinta e dois anos passei
Por trás de uma direção.
Ao sair eu me benzia
Pedia a Deus proteção.
Me livrasse do cansaço
Me acolhesse no seu braço
E me desse inspiração.

Motoristas que trabalham
No trânsito desta cidade
Peço-lhes que tenham calma
tenham um pouco de vontade
Quando o trânsito parar
Você comece a cantar
Tenha criatividade.

Por favor cante e sorria
Pode até assoviar,
Procure ficar bem calmo
Para com ninguém brigar
É desse modo que faço
Pra combater o cansaço
E com ninguém me afobar.



VELHO MOURÃO

Refrão:

**É abraçado com o mourão do curral
É ali que aumenta minha dor
O que tinha de bom nesta fazenda
Só o velho mourão foi que restou.**

Ó casa velha que está deteriorada.
Quem conheceu no passado
Sabe que foi animada
Foi minha morada fui vaqueiro sofredor
Pra mim tem muito valor
Pra outros não vale nada.

Tuas paredes sem ter zelo estão rachando
A calçada se quebrando
E o piso esburacado
Mas se eu pudesse
Voltar fazer minha morada
Tu seria bem zelada como já foi no passado.

Tua madeira o cupim está comendo
Só cego que não tá vendo
Que tu vai se acabar
Porque as pessoas que nela estão morando
Entra ano e sai ano
Não querem lhe reformar.

Até a cerca do curral se acabou
Não tem mais pau na porteira
Só o velho mourão restou
Até parece uma fazenda abandonada
Sem ter mais valor de nada
E acabou-se o bebedor.



VAQUEIRO APOSENTADO

Velho vaqueiro conheço
Bem seu passado
Que foi da vida de gado
Foi vaqueiro de primeira
Já não trabalha pois está aposentado
Mas faz verso apaixonado
Sentado numa porteira.

Perde o sono levanta de madrugada
Lembrando das namoradas
Do tempo que era vaqueiro
E quando ia pra grande
Festa de gado
Ainda recebia recado
Das filhas de fazendeiro.

A noite deita tem um sono aperreado
Chama o nome do gado
Do seu cavalo ligeiro
Rola na cama sente dor
No corpo inteiro
Foi pancada em sabiá
Estrepada de marmeleiro.



O MEU TEMPO DE MENINO

Eu me criei
Comendo juá maduro
Bebendo água que descia do cerrado
Quando menino comia cipó do rio
Fruto pequeno tinha o gosto açucarado.

Também comia
Banana do croatá
Mari cozido junto com os meus irmãos
Eu não esqueço a fruta do jenipapo
Que tudo junto foi nossa alimentação.

De manhã cedo
Ia tomar banho no rio
Ainda pulava de cima da ribanceira
Apreciava o gemido do mofumbo
E a pancada da água na cachoeira.



CASINHA SINGELA

Guardo a lembrança
Do lugar onde morei
E da casinha que era simples e singela
Tinha uma sala, um quarto e uma cozinha
Na frente tinha uma porta e uma janela.
A tardezinha logo depois do jantar
Papai vinha se sentar
No batente que tinha nela.

E a mamãe todas vasilhas lavar
Uma modinha cantar
Não via cansaço nela
De manhã cedo todos estavam levantados
Para deleitar o gado
Mamãe cuidar da cozinha
Era sozinha pra lavar e cozinhar
Não via ela reclamar que vida boa que eu tinha.



HISTÓRIA DE UM NORDESTINO

Se eu contar a minha história
Todos vão acreditar
No dia que vim embora
Não marquei dia pra voltar
Com muito calo na mão
Vaqueiro era a profissão
Eu vim do sertão pra cá.

Trinta anos passaram
Que do sertão vim embora
Ainda hoje lembro o ano
Mês, semana, dia e hora
Era magro igual cassaco
Botei a rede num saco
E sai de estrada fora.

Pouco tinha ido à escola
Só o nome sabia assinar
Na hora que fui saindo
Mamãe veio me abraçar
Filho seja um homem forte
Deus te defenda da morte
Que a sorte vai te encontrar.

Três dias andando a pé
Para uma condução apanhar
Quando vinha um pau-de-arara
Dei com a mão pra ele parar
Subi na carroceria
Foi uma semana e três dias
Pra em Fortaleza chegar

Aqui na cidade grande
Sem nada eu conhecer
A noite com frio e fome
Ninguém dá nada a você
Chorei, lembrei do sertão
Do pão de milho com feijão
Que eu não queria comer.

Todo dia me lembrava
Tinha vontade de voltar
Sentia saudade dos pais
Dos irmãos e do lugar
Sofri igual um ladrão
Quando está na prisão
Para se acostumar.



DEIXA EU FICAR NA FAZENDA

Já falei para o meu filho
Espero que compreenda:
Quando a velhice chegar
Me deixe na velha tenda
Não me leve pra cidade
Deixe eu ficar na fazenda.

Deixe eu ficar no sertão
Fazer o que sempre fiz,
Foi tampar buraco em cerca
E tomar chá de raiz
Eu morrendo na fazenda
Juro que estou feliz.

Transportar lenha em cambito
Andar na areia quente
E tomar banho de cuia,
Pra mim é banho descente
Se tirar tudo de mim
Juro, vou ficar doente.

= 10 =



DICA AOS CRIADORES DE ANIMAIS

Quando chover no Nordeste
Se prepare meu irmão,
Queira armazenar forragem
Que alimente a criação.
Esse é o jeito melhor
Não vá pensar no pior
Pra tudo tem solução.

Faça um plantio de palma
Que bom pra você vai ser,
Prepare o chão para o sorgo
Logo depois que crescer,
Deixe todo armazenado
Pra mais tarde dar ao gado
Caso demore a chover.

Examine o matapasto
Quando maduro ficar,
Passe nele a roçadeira
E bote pra triturar;
Faça com maior estilo
Jogue lá dentro do silo
Use quando precisar.



LEMBRANÇA DA MINHA TERRA

Lembro da fazenda jarra
Eu tenho recordação,
Foi lá que eu fui criado
Com meus pais e meu irmão;
Lembro da quebra de milho
E da apanha de algodão.

Eu lembro de um porco gordo
Que tinha lá no chiqueiro,
Lembro da roupa de couro
A perneira de carneiro
E um galo que cantava
Quatro e meia no poleiro.

Me lembro da igrejinha
Que eu ia com meu irmão
Aprender o catecismo
Pra primeira comunhão.
Na época não tinha banco
Todos sentavam no chão.



HOMENAGEM AO VAQUEIRO

Me orgulho fazer parte
Da cultura do sertão,
Me criei numa fazenda
Fui o homem do gibão;
Hoje só resta lamentar
Ver a cultura se acabar
Nossa festa de mourão.

Vaquejada foi criada
Não foi com fins financeiros
Foi numa grande fazenda
Que reuniu fazendeiros,
Tudo ficou acertado
Pra haver festa de gado
Sempre aos meses de janeiros.

Nas primeiras vaquejadas
Não se via o boi cair,
Abria os pau da porteira
Para o boi bravo sair,
Só era classificado
Se o vaqueiro encorado
Não deixasse o boi sumir.

Mas hoje está deferente
O cavalo é importado,
Na pista não tem mais cerca
Não tem arame farpado;
Hoje é de alvenaria
A noite parece um dia
Tem girador para o gado.

Aonde o gado malhava
Lá no velho tabuleiro,
Com dez metros de altura
Eu vou fazer um cruzeiro;
Cada ano festejando
E todo povo prestando
Uma homenagem ao vaqueiro.



PÉ DE CAPIM

Durmo e acordo
Mas não consigo esquecer,
Talvez depois que eu morrer
Minha alma vá se lembrar,
Esta saudade que sinto dentro de mim
Parece um pé de capim no meu peito enraizar.

Muitas vezes
Eu ficava machucado
No meu leito deitado
Sem poder me levantar
Passava a noite, quando o dia amanhecia,
As lágrimas descia só ouvindo o gado urrar.

Peço aos vaqueiros
Quando se aposentar
Queira guardar
A perneira e o gibão;
Guarde uma foto do curral cheio de gado
Provando ser apaixonado pela sua profissão.

O bom vaqueiro
Esse não dorme ao meio dia,
Sela o cavalo
E o gado vai olhar.
Chegando lá no bebedor da água fria
Limpa toda folha seca que caiu durante o dia.



RAINHA DO NORDESTE BRASILEIRO

Oh mulher tu és a flor
Do campo e do tabuleiro,
Você com esse perfume
Faz adormecer o vaqueiro,
Mulher tu és rainha
Do Nordeste brasileiro.

Em toda festa de gado
Faz alegria do vaqueiro,
No meio da multidão
Passa deixando o seu cheiro
Oh mulher tu és rainha
Do Nordeste brasileiro.

Parece uma flor que nasce
Com a chuva de janeiro,
Oh mulher você faz parte
Da cultura do vaqueiro,
Mulher tu és rainha
Do Nordeste brasileiro.

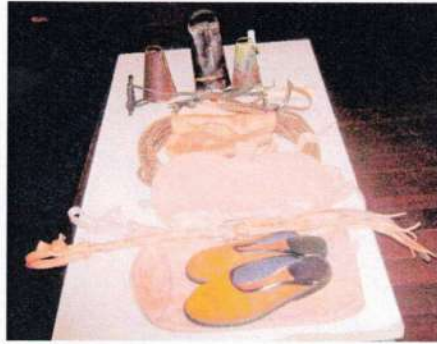


RELÓGIO DO VAQUEIRO

Meia noite o jegue rincha
Deitado no espojeiro,
Uma hora da manhã
Berra a cabra no chiqueiro,
Quatro horas o galo canta
Para acordar o vaqueiro.

O vaqueiro se levanta
Ele já sabe o que faz,
Vai no chiqueiro dos bodes
Chega lá tá tudo em paz
Depois vai no das ovelhas
Nada aconteceu demais.

Depois volta e entra em casa
A mulher já está de pé.
Diz: homem vamos rezar,
Pedir chuva a são José,
Depois vá tirar o leite
Que eu vou fazer o café.



SANGUE SERTANEJO

Sangue sertanejo que nas minhas veias tem
Me sinto bem quando eu falo no sertão.
Aquela gente que trabalha no roçado
Homem do rosto suado com muitos calos nas mãos.

Sou sertanejo, filho de um vaqueiro eu sou,
Na faculdade do gado me formei sou professor,
Sempre eu defendo aquela gente sofrida
Metade da minha vida lá no meu sertão ficou.

Sei que tem gente ganhado muito dinheiro,
Usa o nome do vaqueiro que é cultura do sertão
Enche seu bolso na hora de agradecer
Quero ver é devolver para o vaqueiro algum tostão.

Lá no sertão tem vaqueiro abandonado
Sem está aposentado, velho homem do gibão.
Falta forragem para o gado só tem cipó
Mais pra quem toca forró serve de inspiração.

Não aparece ninguém para visitar
Pra saber como e que tá a sua situação,
Peço ajuda vocês só querem ganhar
Não deixem se acabar nossa festa de mourão.



AGRICULTOR

Criado com pão de milho
Sobremesa, rapadura,
Ele mora no sertão,
Vive da agricultura;
Mas não vê ele falando
Dizendo que a vida é dura.

Com a roupa remendada,
Alpargata de pneu,
Quando leva uma topada
Inda fala não doeu
Nuca reclama da sorte
E a vida que Deus lhe deu.

Quando não chove em janeiro
Pra todos é uma dor,
Reza para são José
Pedir ao nosso Senhor
Mandar chuva pro Nordeste
Pra seu povo sofredor.



SEU LUIZ

Luiz oh seu Luiz olha a seca no sertão
Luiz, Luiz peça pra nós a Deus uma proteção.

Seu Luiz sei que o senhor
Foi nosso rei do baião;
Sua sanfona gemia
Com o dedo da sua mão.
Peça a Deus Nosso Senhor
Clame à seca por favor:
Não devora o meu sertão.

Pra defender a cultura
Sem cansaço se esforçou,
Por todo esse Nordeste
Eu sei que o senhor passou
Com sua palavra franca,
Falando na asa branca
Que do sertão se ausentou.

Sei que o senhor está vendo
Aqui o nosso sofrer,
Os açudes já secaram
Veja o nosso padecer;
A forragem se acabou
Peça a Deus que nos criou
Para o gado não morrer.

É muito triste se ver
A seca em todo sertão,
Os pássaros voando alto
Fugindo da região,
Deixando a terra querida
Procura água e comida.
É de cortar coração.



JOGADO NA RUA

Fui um menino sofrido
Filho de pais separados,
E Junto com meu irmão
Na rua fomos jogados;
Meus pais moram na prisão
Na droga eram viciados.

Eu como era o mais velho
Do irmão tinha que cuidar,
Fazia o papel de mãe
Na hora de alimentar,
Sentia falta do pai
Para nos aconselhar.

Todo dia eu procurava
Pra gente alimentação,
Eu não deixava estranho
Encostar no meu irmão,
A noite era muito fria
A nossa cama era o chão.

Mas um dia Deus mandou
Pra gente uma advogada,
Que adotou meu irmão
Tirou da vida malvada.
Sabia que a minha vez
Também tava reservada.

Certa vez tava sentado
Pensando no meu irmão,
Ao lado parou um carro
Me falou um cidadão:
Menino vamos comigo.
Deixa essa vida de cão.

Antes lhe faço um pedido
Você não pode negar,
A cultura do vaqueiro
Peço para divulgar
Em todo canto que passe
Não é para se vergonhar.



LÁGRIMA MOLHANDO O ROSTO

Dormi quando eu acordei,
Escutei meu coração
Pedindo que eu voltasse
Aquele pedaço de chão,
Onde morei com papai
Com mamãe e meu irmão.

No outro dia bem cedo
Naquele lugar voltei,
Chegando lá fiquei triste
Com o que eu avistei
Da casa que nós moramos
Só o alicerce encontrei.

Nos tijolos do alicerce
Ali eu fiquei sentado,
As minhas lágrimas descendo
Meu rosto ficou molhado;
Na minha mente ainda ouvia
O papai tangendo gado.

No terreiro da cozinha
Canto que o mato tomou,
Lá existia um canteiro
Foi mamãe quem levantou;
Sentindo falta de tudo
Meu coração soluçou.



MUDANÇA NO SERTÃO

Oh meu sertão do sol quente,
Da poeira nas estradas,
Do velho bom curador,
Do contador de piadas,
Onde o galo é quem canta
Nos clarões das madrugadas.

Sertão da mulher parteira,
Sua coragem me encanta,
Já pegou muitos meninos,
Sua habilidade é tanta;
Curava dor de mulher
Com o chá da malva santa.

Sertão do fogão de lenha,
Do feijão bem cozinhado,
Da foice velha de broca,
Da enxada e do Machado,
E do jumento troteiro
Que a gente andava montado.

Eu quero falar pra todos
Que esse tempo passou,
Não tem mais mulher parteira
Nem o velho curador,
E o contador de piadas
Do sertão já se mudou.



SE EU DEIXAR DE SER VAQUEIRO

Se um dia eu deixar de ser vaqueiro
Para mim não tem valor o sertão,
Vou guardar as perneiras e o gibão
Considero-me homem liquidado.
Se um dia eu deixar de ser vaqueiro
Quando eu morrer me enterre no curral do gado.

Se um dia eu deixar de ser vaqueiro
Não puder amarrar um barbatão
Nem correr em festa de apartação,
Nem topar mais um touro acuado
Se um dia eu deixar de ser vaqueiro
Quando eu morrer me enterre no curral do gado.

Se um dia eu deixar de ser vaqueiro
Não puder mais num cavalo montar;
Nem uma pinga eu não puder mais tomar
E não servir nem para dar um recado.
Se um dia eu deixar de ser vaqueiro
Quando morrer me enterre no curral do gado.



VAQUEIRO ESQUECIDO

O verdadeiro vaqueiro
Esquecido no sertão,
Não foi mais a vaquejada
Nem botou mais boi no chão,
Apareceu uns doutores
Lhe tomaram a profissão.

A sela está guardada
Com a manta e garoupeira,
Não tem gado no curral
Falta os paus lá da porteira
Cavalo parece égua
Solto lá na capoeira.

Aquele velho gibão
Tá no torno pendurado
E aquele chocalho bom
Que era de botar no gado.
A amarra se acabou
E ele está enferrujado.



VELHA CACIMBA

Hoje quero falar no meu passado
Sou obrigado a narrar o que passei,
Primeiro eu quero falar no meu sertão
Na profissão de vaqueiro que abracei.

Velha fazenda que já foi muita animada
Hoje quase abandonada até a aboiada acabou,
Quando eu lembro fico até passando mau
E lá dentro do curral só o velho mourão restou.

Velha cacimba que tanto papai zelou
Com o tempo aterrou ninguém mais passa por lá;
Como sofre o coração do vaqueiro
Dói, me dá um desespero quando começo a lembrar.



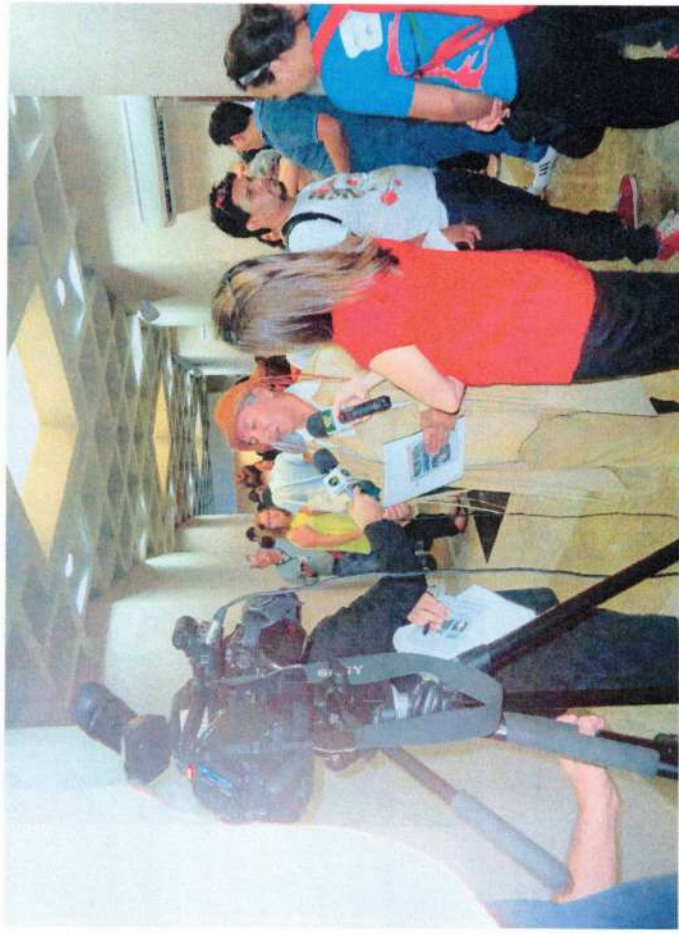
O SOFRER DO SERTANEJO

Meu Deus do céu me ajude
 Me dê uma inspiração!
 O que vou narrar agora
 Dói em qualquer coração
 Como é que passa um pobre
 Com a seca no sertão?

Não tem nada pra comer
 Só lenha tem no fogão.
 Mas tem muita fé em Deus
 Que é o Pai da nação.
 Tenho fé que ele mande
 Chuva pra molhar o chão.

Comendo pré a assado
 Faz a sua refeição.
 Xique-xique é a merenda
 Assado em um forno,ão,
 A tarde se faz a janta
 Comendo camaleão.

Não tem água pra beber
 Nem nada pra cozinhar
 O pobre pega num terço
 Começa logo a rezar
 Meu Deus do céu me ajude
 Se não vamos se acabar.



VAQUEIRO APAIXONADO

Eu nuca vi um vaqueiro
 Sofrer como estou sofrendo,
 Choro de amor por ela
 De saudade estou morrendo
 Meu coração sente falta
 Dia e noite está doendo.

Já vi vaqueiro chorar
 Dos olhos ficarem inchados
 Quando um cavalo morre
 Ou adoce o seu gado,
 Mas nunca vi um vaqueiro
 Sofrer tanto apaixonado.

Estou tentando esquecer
 Mas não encontro saída,
 De tanto amar uma mulher
 Arruinei a minha vida.
 E hoje para esquecê-la
 Meto a cara na bebida.



VAQUEJADAS DO PASSADO

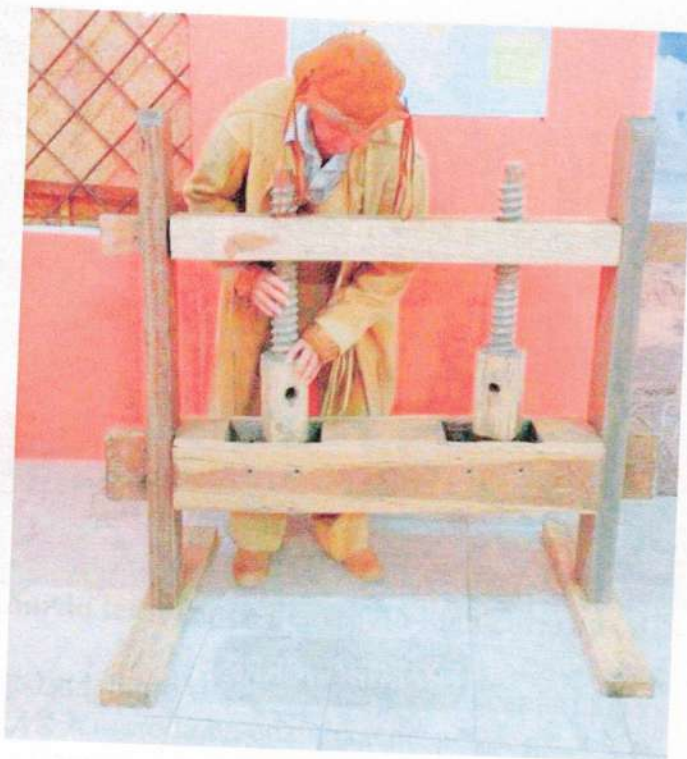
Vaquejada do passado
Tinha mais animação,
Tinha o café da manhã
Com uma celebração;
Vaqueiros formavam fila
Fazendo uma procissão.

A rainha dos vaqueiros
Segurando uma bandeira
E os organizadores
Todos eles de perneira,
Pra abertura do evento
Dando a primeira carreira

Sem a contagem de ponto
Sem faixa na animação,
Tinha cavalo ligeiro
E muito bom de mourão
Vaqueiro puxava o boi
Causeiro marcava o chão.

Encerrava às cinco horas
Não tinha iluminação,
Logo sabia quem tinha
Ganhado a premiação
Sabia o nome da fazenda
Do vaqueiro e do patrão.

Vaqueiros se reuniam
Para o gado separar,
Para entregar nas fazendas
Antes da noite chegar,
Os fazendeiro dizendo:
Querendo venham buscar.



AQUELE MOURÃO

Eu sou um velho mourão
Lá no curral enfincado,
Eu sou aquele estábulo
De botar ração pro gado
Eu sou aquela vereda
Direto para o serrado

Eu sou aquela cacimba
Chamada de bebedor,
Sou o cavalo de campo
De pegar boi corredor,
Eu sou aquele vaqueiro
Velho homem sofredor.

Eu sou aquela cancela
Que tem lá na capoeira,
Sou a faca de serrote
Pendurado na perneira,
Sou a corda de laçar
Eu sou o pau da porteira.

Eu sou a tábua do queijo
Sou a prensa e o carvão,
Eu sou a carne bem asada
No braseiro do fogão,
Sou tudo isso e não quero
Ser a seca do sertão.



FAZENDA JARRA

VOLTEI À VELHA FAZENDA

Voltei à velha fazenda
Na antiga casa eu entrei,
Andei em todos os cômodos
E lá ninguém encontrei,
Não vi papai nem mamãe
Voltei ao alpendre e chorei.

Encontrei a geladeira
Televisão desligada,
Até a cama do papai
Em um quarto abandonada,
A rede que mamãe dormia
Se encontrava ainda armada.

Na cozinha o fogão velho
Com tijolos arrancados
Ao lado de um paiol
Com seus forros arreados
Com o baú cheio de roupa,
A rede e lençol mofados.

No alpendre me sentei
Fiquei com olhos fechados
Ouvi papai aboiando,
Ouvi o chocalho do gado,
Ouvi a voz de mamãe:
O almoço está botado.



TUDO QUE TINHA NO VELHO CASARÃO

**Tudo que tinha lá no velho casarão
Guardo lembrança dentro do meu coração (BIS)**

Eu lembro o quarto chamado de camarinha
Me lembro lá na cozinha a despensa e o fogão
Lembro o moinho, lembro o ferro de passar
Pra fazer o mugunzá pilava o milho no pilão.

Lembro mamãe que trabalhava sozinha
Um pote de água fria que ficava na salinha
Lembro um alpendre que ficava no oitão
Quando menino eu brincava junto com o meu irmão.

Lembro o cavalo selado lá no estábulo
Lembro a porteira, o curral e o mourão,
Lembro as ovelhas entrando lá no chiqueiro,
Lembro o vaqueiro com a corda na mão.

Eu lembro o canto onde a prensa ficava,
Todo dia mãe cansava de tanto queijo fazer,
Lembro o campinho onde eu jogava bola
E o caminho pra escola que eu ia aprender a ler.



CONVERSANDO COM O SERTÃO

Sertão, sei que tu não falas,
Mas pode estar me escutando
Lembra de mim, sou aquele,
Que me criei te pisando.
Tudo que tu me ensinou
Aos poucos fui decorando.

Lembro das outras lições
Que decorei facilmente:
Foi correr atrás de gado,
Ser um vaqueiro valente,
Vaqueiro bom tem que montar
Num cavalo competente.

Lembro a primeira lição,
Dela não vou esquecer!
É respeitar os meus pais,
A eles obedecer
Sertão juro pra ti:
Cumprirei até morrer.